

Insultos

e

Blasfêmias

Por Fabio da Silva Barbosa

Do que se trata:

Normal ver as pessoas tratando minhas opiniões como insultos e blasfêmias. Quem acompanha meu trampo sabe que nunca fiz questão de me enquadrar ou ser simpático. Engraçado então nem pensar. Daí comecei a ler uns materiais antigos que ainda soam atuais e encontrei alguns que ainda não havia utilizado em zines e livros, assim como outros que já haviam sido usados, mas que a plataforma em que estavam não está mais circulando... Enfim... Comecei a coletar algumas reflexões, resenhas... Escritos variados que nasceram no período de 2012 até 2015 e busquei registrá-los nessa singela publicação. Graças a loucura alheia e a minha própria, eis a iniciativa materializada. Espero que gostem e que seja proveitoso.

Dedicatória:

Para todos aqueles que acreditam na própria loucura e na loucura alheia.

Para todos que são loucos o suficiente para acreditar em uma outra realidade e trabalham para que ela aconteça.

Sobre o autor:

Fabio da Silva Barbosa nasceu em Niterói, RJ. Conheceu os fanzines ainda na adolescência, quando estava muito ligado aos movimentos de contracultura, marginais e de rua. Além de zines, produziu vários cadernos de desenhos e poesias, pintou quadro, fez experiências sonoras (como a dupla de noise Soco no Olho, com o parceiro Alexandre Mendes)... Seguiu por essas e por outras até entrar para a faculdade de jornalismo. Daí fundou seu próprio jornal, retomou a produção de zines, fez parte da idealização e da realização do programa de rádio HoraMacabra, começou a lançar seus livros, manteve alguns blogs que foram banidos da internet... Se envolveu em vários projetos impressos, virtuais, vídeos, áudios... e se mudou algum dia para Porto Alegre, onde vive até hoje dando continuidade a suas produções e aventuras mundanas.

Outros trabalhos do autor:

- Reboco Caído – Reflexos e Reflexões: Livro impresso lançado em 2014 pela Coisa Edições, de Porto Alegre. A editora ainda tem no estoque e é só pedir pelo facebook www.facebook.com/CoisaEdicoes ou pelo e-mail coisaedicoes@gmail.com

- UM ANO DE BERRO – 365 dias de fúria: Lançado em 2010 pela Editora Independente, de Brasília. Registro do primeiro ano de existência do zine O Berro. Nesse livro o autor divide as páginas com os amigos Winter Bastos e Alexandre Mendes, que construíram essa iniciativa junto com Fabio da Silva Barbosa, além de diversos colaboradores. A versão impressa está esgotada, mas existe a versão digital do rascunho no pt.slideshare.net/ARITANA.

- Reboco Caído: Zine. A versão impressa pode ser conseguida através da caixa postal 21819, Porto Alegre/RS – cep.: 90050-970 ou também pedida pelo e-mail fsb1975@yahoo.com.br. Versão digital disponível no blog www.rebococaidozine.blogspot.com.br ou no pt.slideshare.net/ARITANA.

- Escritos Malditos de uma Realidade Insana: E-book lançado pela Editora Lamparina Luminosa, de São Paulo, em 2013. Download gratuito no site da editora www.lamparinaluminosa.com.

- Comunidade Editoria: Projeto do autor junto com o amigo Luiz Henrique Peixoto Caldas, que incluía produção de vídeo, jornal impresso, blog, eventos culturais, produção de áudio e tudo o que fosse possível para registro do cotidiano nas favelas, ocupações, comunidades pesqueiras e afins.

- Impresso das Comunidades: Jornal impresso mensal. Parceria entre Fabio da Silva Barbosa e Alexandre Mendes.

- PDFs organizados pelo autor e lançados de maneira livre pela internet a fora: Quem somos nós? - Conversa fiada e papo de botequim, Quem somos nós? - Volume II, A saga do jornalismo livre e Parceria Todos esses, além de outros, podem ser encontrados no pt.slideshare.net/ARITANA

- TARDE MULTICULTURAL SEM FRONTEIRAS: Evento cultural onde Fabio junta diversas formas de expressão em um mesmo espaço. Teve 3 edições em 2014, uma em 2015 e assim que der rolarão outras.

*Além das produções listadas, ainda existem contribuições para diversos meios impressos e digitais. Esteve também envolvido no programa de rádio HoraMacabra, de Niterói- RJ. Outros projetos também estão em andamento, buscado meios para serem concretizados o quanto antes. Em tempo: Atualmente o Impresso das Comunidades e o Comunidade editoria estão inativos. Até quando? Vai saber ;-)

A.O.O.

Já nascemos sendo registrados, moldados, cobrados. Muitos são atirados a tv, este bizarro aparelho que nos deforma a cada instante, antes mesmo de aprender a falar. Aprendem a ser egoístas. É a porta de entrada para o macabro mundo da competição, do consumo, da violência total. Te empurram uma religião, uma visão, um padrão. Mentem o tempo todo. É o mundo da ilusão, onde nada é confiável. A hipocrisia, o jogo de aparências. Tudo é nada.

Aí vem a escola, o colégio, mais uma prisão. Em um sistema de ensino autoritário, os submissos são aceitos com louvor. É uma preparação para o sistema de trabalho. Mais imposições, mais regras, mais submissão. Entre uma coisa e outra ainda tem o serviço militar. E temos de votar, temos de degradar, temos de sangrar. O medo é implantado até a medula. Você está cheio de sentimentos que não são seus. O desespero e a cegueira aumentam, a vida escoando entre seus dedos.

As pessoas estão sem forças, dopadas pelos bombardeios de alienação. Distração gratuita que se paga caro. Aí vem a depressão, tristeza, angústia. Ninguém consegue explicar o porquê. E tome remédio, consulta, má alimentação, atividades improdutivas. Todos aprisionados às suas posses. Ser possuído pelo que possui. E cada vez possuir mais para ser mais possuído. Tem de andar na linha, se não eles determinam uma punição. Ser apenas uma engrenagem é o destino. Quem grita apanha, é preso, é segregado. Presos todos estão.

Há os guerreiros, mas há os que se agarrem a qualquer bengala que apareça, outras correntes. Os ateus religiosos que produzem seus próprios símbolos e deuses a serem seguidos, adorados sob o discurso iconoclasta dos que acreditam ser outra coisa, mas acabam sendo a mesma, ou algo muito parecido. Não tenho nada contra os ateus. Foi apenas um exemplo. Poderia citar também os revolucionários e gurus de ocasião. Estou tratando dos falsos profetas, tão perigosos quanto os que estão hoje no poder. Ficam só no fingimento. Só se fazendo de perfeitos. Mas a perfeição não é própria do ser humano. A perfeição, o normal... Quem determina esses padrões?

Existem muitas formas de ilusão. Procuram se apegar a uma delas pra fugir da realidade e não se deparar com a inutilidade de suas verdades mentirosas. Às vezes fica difícil se livrar de tantas correntes. Às mudanças vêm com as dúvidas, não com a disputa de verdades, não com a pregação de uma catequese qualquer. A mudança é constante no interior do ser reflexivo, no interior dos que se negam a fazer parte desse esquema sórdido. Como integrantes do mundo, conseguimos mudá-lo sempre que mudamos a nós mesmos. Nossa mudança interior altera nossa relação com o exterior e nossas escolhas. Nossas atitudes são contribuições que damos. Não se deixe enganar. Abra os olhos e observe.

divagações e problematizações

Fico vendo as pessoas desesperadas, infelizes, amarguradas, mas sempre culpando aos outros e nunca olhando para si mesmo. Reproduzem conceitos, padrões e estereótipos que mantêm tudo exatamente como está. Do alto de seus preconceitos se dizem cristãos. Falando de união, julgam e oprimem. Não admitem nenhum certo que não seja o seu, ao mesmo tempo em que falam do direito de excluir, de usufruir privilégios, de manter tradições maléficas e peçonhentas. Uma argumentação distorcida. Imposição. Credo na mentira e mentindo a verdade, olhando apenas os ângulos que são favoráveis. Acreditando na síndrome do arrebanhamento, vivem a esperar alguém que resolva seus problemas, que indique o caminho para o céu. De preferência um caminho fácil. Tudo bem facinho. O importante é como os outros vão ver. Aparência sempre. O conteúdo sendo substituído pela aparência, o profundo pelo superficial. A vaidade cegando. A mentira reinando. É a era artificial. Evolução do que? Tudo se convertendo em instrumentos de poder e se garantindo na visão limitada do cidadão de bem. Cidadão de bem ou que possui bens? Sempre foi considerado impossível imaginar o trem andando fora da linha. Mas “sejamos realistas, exijamos o impossível”. Buscam uma segurança inalcançável, realidades irreais. E onde estamos no meio de tudo isso? Estamos no meio disso tudo? Agimos e interagimos? Ou assistimos como a um filme esquemão? Criam meninas para serem princesas ao invés de guerreiras sedentas por justiça e dignidade. Que caia a nobreza! Falam de justiça, mas o que temos são os dentes das engrenagens a nos mastigar. Falam de escolhas, mas não temos opções de verdade. Você prefere merda mole ou merda dura? O ter vale mais que o ser, o objeto mais que a pessoa. Racional ou irracional? Matam-se pelo direito de ficarem trancados em seus carros, casas, apartamentos, quadrados, cárceres. Buscam a libertação através da posse e acabam possuídos pelo que pensam possuir. Pensar se torna errado, um ato infantil, ignóbil. O negócio é fazer de conta que pensa. Encher a cuca do considerado relevante e sair por aí vomitando bobagens. Como em um programa sensacionalista de televisão. Escola, trabalho, cemitério. Escola, trabalho, cemitério. Se alimente de lixo e assista televisão. Se informe de desinformação. Querem te ver focado na ilusão. Voltemos assim a questão da ilusão. O que é impossível? Continuar assim ou acreditar no que os iludidos chamam impossível. Impossível é continuar assim e ilusão achar que esse é o único caminho possível. Esse caminho sempre foi e está cada vez mais impossível. Consideremos e reconsideremos. Busquemos sempre novos rumos. O processo é contínuo.

divagações e problematizações II

Fico vendo as pessoas com medo. É medo de andar, de se mover, de sair, de lutar, de pensar, de questionar, de se libertar, de não ser mais um. Medo de se conhecer, de ser único... Medo de ser. Um medo implantado desde sempre, junto de mentiras, de ilusões. Medo de sonhar, de ver o real, de ir pra rua, de se machucar, de se expor, de errar... Medo + medo + medo + mentira + medo + mentira + falsidade + medo + falácias + medo + medo... + muito medo. O medo de morrer trás uma vida morta. O medo de se ferir nos transforma em ferida exposta. Se afogando no mar do medo. Tempestades de pavor. Pânico total. O temor de tudo. Medo da natureza, da cidade, do inesperado, do caos. Medo da mudança. Sufocados pela rotina, injetam doses de conformismo e bundamolismo. Nada, nada, nádegas. Desligar a tv e ir para a rua é muito perigoso, diz o noticiário. Sair do computador e existir fora do virtual é viver e viver é muito perigoso. Necessidade contínua de proteção. Empresas enriquecendo com a proteção, vendendo segurança. Abrem mão da liberdade para ter a falsa sensação de proteção. Pensar deixa inseguro, então paremos de pensar. Pensar pra que? Deixem que pensem por vocês. Mas ninguém pergunta: Quem são esses protetores? De quem ou de que eles te protegem? Quem te protege dos protetores? O que eles realmente estão protegendo? Será que é realmente você? Aí se criam intelectuais que são contra pensar, libertários aprisionados, esquerdas de direita, mentiras + mentiras + mentiras + mentiras... E ninguém sabe nada. Medo por toda parte. Muitos medos. A patologia do medo. A sociedade do medo. Medo. Medo travestido de raiva, de racismo... preconceitos mil. Medo da coragem e medo do medo. Medo medonho. Medo, grades, cercas, arames, marginalidade, exclusão... Medo.

A fila

Tava com uma crise de tendinite. Depois de algum tempo de espera e dor na fila de um hospital público, tomei um analgésico injetável e mandaram que eu comprasse os terríveis anti-inflamatórios. Para buscar o acompanhamento adequado me encaminharam a lugares longínquos e decidi passar no posto de saúde perto de casa. Era ali. Boa decisão a minha. A moça do balcão disse que eu tinha de ir ao clínico geral para ele me encaminhar a um especialista. Como só existia um dia na semana que o clínico comparecia, a fila era enorme. E olha que cheguei cedo. Falaram que tinha gente em pé ali desde a madrugada. O mesmo fenômeno observado em outros cantos do Brasil: O péssimo atendimento no serviço público. Que absurdo.

Aproveitei o tempo na fila para lembrar e pensar. Lembrei de quando estava caminhando com meu filho junto a passeata contra o aumento da passagem de ônibus. A gente ali, conversando sobre as coisas da vida, enquanto os manifestantes pediam por um transporte realmente público. No dia seguinte, pensei nas pessoas que vendem suas vidas para poder passear com o filho na beira da praia. Melhor que qualquer praia foi aquele passeio pela manifestação.

Lembrei também do bate papo na mesa de um bar em que um cara me alvejava com suas opiniões enlouquecidas. Ele se dizia socialista, mas nem ao menos compreendia o povo. Não acreditou quando disse que muitas pessoas estavam trabalhando mais de nove horas por dia para ganhar R\$ 700,00 ou um pouco mais (ou um pouco menos), sem direito a sábado, domingo ou feriado. Ele argumentou que isso não existe. Que R\$1.000,00 não dava nem para suas despesas... “Como um pai de família poderia sustentar os seus?” Respondi que esse era o problema.

Pensei também no texto PQP. Depois da experiência no campo, pude conhecer pessoas que trabalham mais de 14 horas por dia, sem folga e sem qualquer tipo de motivação para a vida sem ser o próprio trabalho. Será que eles estão certos? Será que eu estou certo? Será que estamos todos errados? Será que existe o certo e o errado? Vai saber. Talvez eles não tenham tido opção. Vai saber. Cada um com sua história, cumprindo sua sentença. Vou tentando compreender.

Nisso, veio uma senhora que eu achava estar lá na frente da fila. Mais um que havia desistido. As pessoas adoram quando alguém que está a sua frente desiste. Ela passou resmungando que a fila tava grande e que só tinha uma pessoa para atender todo mundo. Ela estava preocupada com o horário de entrar no trabalho. Passei mais um tempo na fila e resolvi fazer o pessoal da retaguarda mais feliz. Saí caminhando. Segui a fila até onde pensei ser seu início (onde estava a tal senhora) e descobri que ali era apenas uma curva. A fila ainda continuava até uma portinha, onde estava a tal funcionária preenchendo a papelada e encaminhando as pessoas para a fila seguinte (Essa sim a do atendimento médico).

Fui pela rua movimentando as mãos e torcendo para que elas aguentem firme mais um tempo. Aquilo era fila para o dia inteiro e não podia ficar ali.

Feito para não funcionar

Um erro muito comum das pessoas é ver o resultado como se fosse a causa e com isso focar esforços em sanar unicamente o resultado enquanto a fonte continua jorrando os mesmos resultados. E isso pode ser visto nos mais diversos campos. Parece que ao vermos um menino portando uma arma, assaltando... a solução é prender, ou quem sabe até matar, esse menino. Só que a fonte continua jorrando vários outros para ocupar o lugar daquele. Mas essa falha de ótica não é casual. Ela é cuidadosamente plantada pela mídia e demais ferramentas desse sistema manipulador que nos cerca.

Nesse texto gostaria de discorrer como isso acontece na educação, ou no que chamamos de educação. Uma coisa que sempre me incomodou foi o discurso que prega a falta de interesse dos alunos pela sala de aula sem questionar o porquê desses alunos estarem desinteressados. Obviamente sem saber o porque, não chegaremos a fonte e ficaremos presos na superfície sem conseguir uma visão adequada para se chegar a diferentes resultados.

Minha leitura sobre o assunto é que a sala de aula se tornou algo altamente desinteressante, monótono e autoritário. Um ambiente que não estimula a autonomia, a criatividade e que não está aberto ao novo. E isso pode ser observado do ensino fundamental até o nível superior, onde encontramos professores que se julgam praticamente semideuses (alguns se acham o próprio deus). E isso se estende a educação familiar. As instituições que deveriam prezar (pelo menos teoricamente) pelo desenvolvimento do indivíduo, acabam se transformando em organismos limitadores pela incapacidade de se renovar, de reconhecer que a teoria está sempre mais atrasada que a prática. Isso se dá porque a prática está em constante movimento, se modificando a cada minuto, enquanto a teoria tem de passar por todo um canal burocrático de aceitação que acaba por criar um universo paralelo constantemente atropelado pela ordem natural da criação e da diversidade humana.

Certa vez estava em uma festinha na casa de um amigo e lá estavam alguns acadêmicos, muito orgulhosos de seus títulos e como sempre fechados em suas pequenas rodas, falando para eles mesmos. Daí tive a infelicidade de me convidarem para o assunto. Sei que em certo momento expus meu ponto de vista sobre a apropriação que a academia faz de criações populares e depois fica julgando se os criadores estão certos ou errados, como se tivessem de pedir a benção da academia para fazer o que sempre fizeram com naturalidade, espontaneidade.

- Mas então você está dizendo que um acadêmico não pode fazer um trabalho sobre Rap, por exemplo?

- Ele pode fazer um trabalho sobre Rap, mas não pode achar que aquele trabalho é a verdade, que todo mundo que for fazer RAP tem de fazer daquele jeito. Afinal, ele retratou o RAP naquele momento, mas, como tudo na vida, o RAP está em movimento e semana que vem, ou amanhã, ele já pode ser diferente. Um cara pode chegar a qualquer momento e mudar todo o conceito da coisa, agregar novas informações, evoluir o estilo... E daqui que se faça uma nova pesquisa a respeito, que essa pesquisa seja enquadrada nos moldes impostos pela academia, que seja aceita... A coisa já continuou caminhando e mudou de novo, de novo e de novo... O caminhar das coisas no mundo real não está submisso a academia.

Nem preciso dizer que me acharam um ignorante falando baboseiras e voltaram a conversar entre eles, fechados em seu mundinho.

Lembro também da faculdade de jornalismo, quando alguns professores distribuíam cópias de textos e ficavam lendo enquanto acompanhávamos com os olhos entediados. E eram textos longos, cheios daquela linguagem pedante e pomposa, sobre a Escola Europeia e Norte-americana de Jornalismo. Uns textos cheios de conceitos ultrapassados, que nem nos EUA ou na Europa são utilizados hoje. Imagina se usei uma linha se quer quando comecei a desenvolver meu trabalho jornalístico dentro das favelas de Niterói, São Gonçalo, Rio de Janeiro e adjacências? Isso nem cabia na minha realidade enquanto jornalista independente querendo mergulhar de cabeça na realidade que sempre me cercou. Terminada a graduação, pensei em seguir numa pós. Pesquisei sobre alguns trabalhos e orientadores da área e adivinha. Não me senti motivado. Não iria me submeter a uma retórica que rima com perda de tempo, desperdício de vida. Não preciso de um papel dizendo que sou isso ou aquilo. Não tenho esse tipo de fragilidade. Tenho meus próprios meios de comunicação, onde nem ao menos me prendo a regras gramaticais ou a qualquer outro tipo de engorduramento imposto. Tenho meus leitores e mesmo quando não tinha escrevia para mim mesmo. Não quero fazer parte do que me parece extremamente desinteressante e desnecessário, do que me parece incorreto e desperdício de vida. Nunca fui um bom aluno. A escola sempre foi um ambiente no qual me sentia pouco a vontade, uma verdadeira tortura. Ao invés de libertação, aquilo tava muito mais para prisão. Dizem que rimar quando estamos escrevendo em prosa não cai bem e cabe de fazer isso. E daí? Foda-se. É disso que estou falando. E usei tava também ao invés de estava. E daí? Em que isso atrapalhou a comunicação? Aí eles vêm me falar de empobrecimento da língua enquanto isso é exatamente ao contrário. Língua pobre é língua parada, estagnada. Língua rica é a que está em movimento, em mutação, crescendo com o movimento da vida.

Agora imagina um garoto de favela chegando na escola, com seu próprio modo de falar e de ver o mundo. Aí chega o professor com um discurso pronto, completamente ajustado aos valores burgueses, violentando tudo que ele tem como sagrado com suas certezas. Não há troca de informação ou estrutura horizontal, mas uma ideologia completamente verticalizada, onde um sabe e o outro é o ignorante que tem de se calar e apenas ouvir, aceitar. A troca de saberes dá lugar a um saber único e indiscutível. Só se aceitam discussões que falem a mesma língua, que compactuem com as mesmas “verdades”. Por isso, qualquer um que tem um mínimo de personalidade dá uma boa olhada para esse banquete de nada que lhe é oferecido e diz: Tô fora.

A descoberta de um revolucionário

E foi aí que sentei em frente ao espelho e perguntei:

- Você gosta do governo?
- Não! Não confio no governo e não gosto da ideia de ser governado.
- E a polícia?
- Não concordo com essa instituição, assim como não concordo com todas as outras.
- Não há instituição sagrada para você?
- Se não concordo com a sociedade, como poderia apoiar a estrutura dela?
- Então se você pudesse a destruiria?
- A evolução é o caminho natural, devemos estar sempre pensando em modificar a situação atual das coisas.

Foi aí que pensei na possibilidade de contar meu pensamento para outras pessoas, escrever sobre... Poderia, mas seria perigoso. Me acusariam de incitar... Vai saber. Daí refleti sobre. Seria natural me preocupar com a exposição do meu pensamento? Viveríamos realmente em liberdade?

Mortes, injustiças e inferno na Terra

É camêlo sendo morto, famílias sendo escoraçadas de suas moradias, o sistema sempre favorecendo a quem tem mais do que precisa para viver... E o cara que se aborrece é perseguido, preso, torturado física, moralmente e mentalmente, lançado em calabouços tristes e infectos.

Mas eles dizem: Você pode votar. Estamos em uma democracia. Está tudo melhorando. ... Eu pergunto então: Melhorando para quem? Que democracia é essa? Votar em que ou quem? Para onde estamos caminhando? Até onde isso tudo vai? Acreditar em que ou quem? ...

E o trabalho de cegueira coletiva continua. O trabalho de manutenção das coisas como estão persiste cada vez mais elaborado. Mas já não é possível tapar o Sol com a peneira. Não se pode mais viver acomodado, olhando para o próprio umbigo e fingindo não ter nada com isso. Os respingos da merda estão por toda parte e não há mais como ficar limpo. Todos somos partes, responsáveis (querendo ou não) e ocupamos nosso espaço no vácuo.

Embora alguns ainda se esforcem para manter posturas insensíveis e indiferentes, já não é mais possível. A meritocracia é uma farsa, escolher quem vai tomar as decisões que deveriam ser nossas não é o suficiente, ficar submisso a quem tem a pretensão de saber o que é melhor para a gente não é, no mínimo, digno.

Conhecer

Somos constantemente bombardeados com mensagens que visam nos separar. Criam distâncias para os que deveriam estar unidos. Não querem que nos aceitemos. A diversidade é o ponto em comum entre toda humanidade e o que colore o mundo. Imagina que mundo triste e sem graça com todos sendo iguais, se não existissem as peculiaridades, os pontos de vistas, as características físicas e psíquicas. Mas ao invés de valorizar o diferente e aprender com o desconhecido, o que não é tido como normal é execrado, temido, odiado. Mas quem determina o que é normal? Que tipo de parâmetro é utilizado para definir o que é certo ou errado? Cada um vai se isolando em sua verdade, permitindo apenas aos que “pensam” igual se aproximarem. Assim criam fronteiras e bolhas artificiais, onde todos “concordam”. Daí o que poderia ser um grande grupo se torna uma meia dúzia que fica apenas falando para si, tendo sempre a impressão de que tudo está caminhando do jeito que eles pensam, já que no limitado universo que criaram todos “pensam” da mesma forma.

Vocês devem ter observado que coloquei as palavras pensar e concordar entre aspas no parágrafo anterior. Isso porque pensar é exatamente o contrário do que essas pessoas fazem. Esse tipo de comportamento intolerante e ditatorial é exatamente a antítese de pensar. Essa atitude de “Eu estou certo e quem não concorda está errado.”, “Eu consigo ver além e quem não concorda está atrasado, é menos evoluído.”, “O normal é fazer o que eu aceito como normal” é a atitude que nos priva do debate, da troca de ideias, do pensar e com isso do refletir e do mudar. Mudanças, erros e contradições são características do caminhar. Mas pregam que isso é vergonhoso. Sem falar que ninguém quer dizer que o rei está nu. Essa história da roupa do rei ilustra bem o caso. A pessoa prefere “concordar” que arriscar e ser taxada de ignorante. Daí o concordar também estar entre aspas. Esse não é um concordar autêntico, mas um concordar para fazer parte do pequeno grupo.

Outra forma de separar é o egoísmo. Determinados grupos abrem mão de lutas mais abrangentes e profundas em troca de pequenos benefícios. O egoísmo ainda é uma forma mais eficaz de divisão. Ele pode dividir o pequeno grupo até isolar o indivíduo. Este não abre mão de nada em prol do coletivo. Não que eu seja contra a individualidade humana. Não confundo individualidade com egoísmo. A individualidade nada mais é do que as características que compõem o indivíduo. Já o egoísmo é querer o máximo para si, mesmo que falte para os outros - É o não pensar no outro.

São muitas formas e métodos usados para a famosa técnica de dividir e conquistar. Temos de estar sempre atentos para não nos deixar envolver pela arrogância, vaidade e tantos outros venenos. As armadilhas estão postas a cada esquina. Somos tão especiais quanto qualquer outro. Ninguém é superior ou inferior. Diferenças não limitam ou prejudicam. O que atrapalha é não ouvir, não entender, não se aproximar. Não se renda ao preconceito, a ignorância. Se você não consegue compreender, tente de novo, abra sua mente. Quando a mente se abre, a compreensão surge e um novo conhecimento se introduz. Não precisamos aceitar tudo. Compreender não significa aceitar ou concordar. Compreender é entender, aprender, conhecer, se aproximar.

Corrida mortal

Ele corria para um lado e para outro. Lembrava muito o coelho sempre atrasado. Dizia que corria para dar tempo de fazer mais coisas. Podia até conseguir tempo para fazer mais, só que não aproveitava. Era tudo feito em um turbilhão de angústias, pressa, em um sofrimento sem fim. Não saboreava os momentos, não pensava sobre o que fazia, sobre o que realmente importava. O que importava, ou achava que importava, era correr, num frenesi nocivo a própria consciência e ao viver. Não filtrava o que poluía o caminhar. Não havia caminhar, apenas correr. Correr para a morte sem sentido. Só deixou como herança o pouco que conseguiu acumular de material. Não se pode julgar, apenas analisar, registrar, tentar entender. Culpar a vítima é sempre mais fácil, por esta não ter como se defender. Foi resultado do que o encheram e o tinham enchido de merda. Não de adubo, mas de merda. Tentando vencer os ponteiros do relógio, viu o tempo se perder, escorrer entre os dedos das mãos que o queria segurar. Soluções? Respostas? Nunca fui o mais indicado para dar. Poderia apenas sugerir perguntas, as quais ele nunca teve tempo de escutar, pensar, saborear.

Fumegando

Abrir sua mente é um ato revolucionário que só depende de você. Parar de se apegar tanto às respostas e se untar de perguntas é um começo.

Desligue a tv, esqueça todas as verdades pré fabricadas (TODAS) e saia de casa para conhecer o mundo. Mas saia sem medo, sem preconceito.

Não se trata de convencer ou ensinar. Se trata de olhar em volta e pensar livremente, sem estar com olhos turvos, cheios da poluição imposta

Está mais que na hora das pessoas abandonarem suas frágeis certezas e mergulharem de cabeça no mundo da reflexão e do questionamento.

O belo é o que você acha belo, o bom é o que te faz bem e o respeito mutuo é a base pra tudo.

Criar um padrão é virar as costas para a diversidade humana.

Se libertar não só do material, mas também das velhas convicções é indispensável para criarmos algo novo.

Dizer eu sei é se fechar para o novo

Se reconstruir a cada dia e chegar a novas conclusões (ou a nenhuma) é a disposição correta para aprender.

Tire suas verdades do caminho, pois eu quero passar com minhas dúvidas.

O mais importante é termos perguntas, não respostas

Tanta gente acredita que conhece a verdade e que tem todas as respostas. Só por aí podemos ver que o caminho tomado não é o da libertação.

Pior que os conservadores que ficam justificando o apego a velhas correntes, são os que se julgam libertos, mas conservam suas prisões

23/07/2013

Estou em um período maravilhoso de aprendizado e reflexão. Temos sempre de abrir espaço para novas possibilidades. Mas não foi por isso que resolvi sentar e espancar o teclado. Ou será que foi? Queria falar sobre tudo que vem acontecendo por aí. Não que ache ser algo novo, “O gigante acordou” e essas merdas. Tudo é continuação do que já vem de tempos. O que se pode destacar no momento é o número de pessoas e a resistência dessas. Quando saí do RJ, estava achando aquilo tudo muito parado, o pessoal meio acomodado... Sempre existiram grupos de resistência, mas eram formados por poucos e entre os poucos ainda podíamos tirar alguns. Mas o volume tá crescendo. A novidade é o ritmo ter dado uma acelerada e o número maior de pessoas que está se envolvendo. Lógico que sempre se encontram os aproveitadores querendo tomar a frente, dizendo isso e aquilo... Em resumo... Se apropriando do que é coletivo. Existem também pessoas infiltradas com outros interesses, objetivos muito mais obscuros, tentando desmoralizar, desmobilizar. As armadilhas estão por toda parte, mas a galera tá atenta e não parece disposta a ser enganada. O quadro está claro como nunca. Dá para ver sem nenhuma dificuldade a quem – ou ao quê – o Estado serve. O problema é estrutural. Com isso que tá aí não dá... não dá para viver. Essa forma tida como a única possível não dá mais. É hora de reformular o conceito, a visão. É hora de seguir em frente. É claro que a minoria bem colocada no caos nosso de cada dia vai reagir, vão querer intimidar, violentar. Minha vontade é comentar cada caso que ajudo a divulgar por aí, mas todo espaço seria pouco. É muita barbaridade junta. Teríamos de falar sobre Amarildos, sobre o público servindo ao privado, sobre criaturas inescrupulosas... Teríamos de falar sobre pessoas sendo acusadas de formação de quadrilha sem nunca terem se visto, sobre a mídia independente sendo perseguida, livros servindo como provas... O melhor é continuar na caminhada, pois isso é só o início, os primeiros passos, a perda do medo de gritar. Daí não poder ignorar o belo que também se expõe. Apesar de toda bizarrice e truculência infligida aos que lutam por um mundo diferente, não podemos deixar de ver a união, os movimentos independentes, momentos históricos, como a ocupação da Câmara em Porto Alegre e tantos outros que não param de acontecer. Esse lado maravilhoso dos acontecimentos é animador, serve de vitamina. Até os acontecimentos negativos estão dando força, por demonstrarem que a luta tem de ser cada vez mais organizada e a união expandida. A transformação é uma força indestrutível. Continuemos rumo ao coletivo, abençoados pela liberdade e erguidos pela utopia de sermos irmãos em um mundo justo. É isso aí.

ai5 padrão fifa

(13/02/2014 – por volta das 20h)

Para quem acompanha meu trampo, a estranheza pela diminuição no meu ritmo de trabalho é inevitável. Mas isso se dá por uma série de fatores que, por enquanto, estão fora do meu controle. Isso só tem relação com o que vou dizer por causa do problema que foi escolher o ponto de partida. Muito tempo sem dizer acumulou muito a ser dito. Mas como não dá para falar tudo (e alguns temas já foram muito bem abordados pela mídia independente), aproximarei o ponto de partida ao máximo.

Começarei pela greve dos Rodoviários em Porto Alegre. Já faz tempo que a grande mídia não se envergonha de ser completamente parcial e defender padrões impostos pela ordem vigente (acredito que sempre foi assim), mas a coisa vem ficando cada vez mais escancarada. Li uma matéria que jogava a população contra os rodoviários em greve. Todos os grandes meios fizeram isso, mas essa matéria era demais. Todos os grandes meios culpavam os rodoviários pelos transtornos, não responsabilizavam a intransigência dos empresários. O povo estimulado contra o povo. Essa, pelo menos, é a minha opinião. Para mim eles foram intransigentes com a classe que executa um trabalho da mais alta responsabilidade.

Fizeram isso com os professores também... Fazem isso sempre. Mas não quero me afastar mais no tempo. Vamos para hoje. Nesse momento está acontecendo nova manifestação no Rio de Janeiro. Acabei de chegar e ainda não me informei a respeito – Mentira. Já dei uma olhadinha. Precisava saber como andava. Mas sobre isso pretendo falar depois. Numa próxima oportunidade.

Um caso que ainda tem muito o que ser estudado, analisado e revisto está sendo tratado como resolvido. Declarações sem pé nem cabeça... Dúvidas no ar. A criminalização das manifestações chega ao ápice (possivelmente ainda irão mais longe). Resumiram diversos movimentos sociais, que trabalham há anos por uma mudança positiva, em um grupo. Esse grupo é taxado, perseguido e odiado. Isso deveria ser estudado, compreendido. Mas existem forças que desejam neutralizar a situação o mais rápido possível. Encontrar um culpado e se vingar, essa é a concepção de justiça em pleno 2014.

Será que quando o ai5 padrão fifa for adotado poderei escrever um texto questionando o tido como certo? Será que serei condenado? Será que a grande maioria insatisfeita poderá gritar?

Dia de reflexão

Após acompanhar os acontecimentos durante as manifestações do dia do professor, através da mídia independente e alternativa* (afinal, se informar através da mídia convencional não dá), juntei com os fatos que vêm se desenrolando e com o que vi em manifestações anteriores que tive oportunidade de participar presencialmente e acredito que já é passada a hora das pessoas começarem a refletir sobre a necessidade de mudanças urgentes na estrutura social e colocar a mão na massa para concretizar o sonho de vivermos em um mundo melhor. Essa necessidade não é de hoje e não dá mais para deixar o amanhã resolver tudo. Mesmo sabendo da enorme quantidade de pessoas completamente alienadas e acomodadas, sei também que essas pessoas são vítimas da estrutura violenta e autoritária que nos cerca, uma verdadeira fábrica de angústias, infelicidades, desigualdades... Problemas diversos - físicos, mentais, sociais... É melhor parar por aqui, pois minha ideia para hoje não era escrever um texto ou expor meu ponto de vista, mas propor um dia de reflexão sobre tudo que está acontecendo e qual seria a melhor maneira de atingirmos esse objetivo chamado por alguns de utopia. Utopia, para mim, seria acreditar que o mundo pode continuar do jeito que está, completamente submisso a vontade de uma minoria... Já estou aqui de novo pondo minha opinião no lance. Não quero direcionar pensamentos. Vamos buscar o máximo de informações nas fontes confiáveis (nada de mídia burguesa, mentirosa e tendenciosa) e elaborar nossas conclusões. Se faz necessário, posteriormente, nos reunir com amigos, movimentos autônomos e independentes que estejam nessa luta... Nos reunir com quem quisermos para trocar ideias e impressões sobre os acontecimentos, vendo qual a melhor maneira de ajudar na construção desse novo mundo e no despertar dos que ainda dormem, dos que preferem se iludir para manter a frágil sensação de conforto, a ilusão de estar sendo feliz enquanto tudo desmorona a sua volta. Pensemos, nos informemos e partamos para a ação. Como já havia escrito em um texto antigo: Amanhã pode ser tarde (ou foi algo do tipo).

* Destaque para a cobertura que o Tuca Ninja (RJ) fez do protesto de ontem, que contou até com flagrante de agressão policial e tentativa de forjar uma situação quando foi acusado de jogar pedra num PM. Quem acompanhava a transmissão ao vivo pôde ver que o Ninja não apedrejou ninguém

O construtor de mundos

Estudantes, trabalhadores, artistas... Diversas pessoas estão sendo presas no Brasil. Motivo? Protestar.

Daí surgem aquelas questões básicas:

A democracia não é o governo do povo?

Se a democracia é o governo do povo, por que a população tem de resumir sua participação ao voto? Por que não pode demonstrar sua indignação, opinar nas questões relevantes?

Por que ficar submisso a instituições que deveriam proteger nossos interesses? Por que devemos temer?

Quem deu essa autoridade sobre nossa vida e morte? Quem pode ter o direito de prender nossa liberdade?

Como deixamos chegar nesse ponto?

...

Não existe diálogo entre as pessoas e os que deveriam representar seus interesses.

A grande mídia mente e deturpa.

Tudo é um grande espetáculo de marionetes, produzido cuidadosamente para enganar.

O bom cidadão deve trabalhar e consumir, ficar em casa e ver televisão. Apenas aceitar.

Querem que acreditemos em suas mentiras:

“Sempre foi assim e sempre será”

“Isso não tem jeito”

“A solução é votar”

...

Eles exigem respeito, porém respeito não se exige. Respeito se conquista. Liberdade também se conquista. Agora é hora de conquistá-la. Mas liberdade inclui responsabilidade. Então sejamos responsáveis por esse mundo que pode surgir a qualquer momento. Ou melhor dizendo: Que surge a cada dia. Que novo mundo você quer?

Lutas e desafios

Quando a população é oprimida e indivíduos perseguidos por se posicionarem contra o atual estado das coisas, vai ficando cada vez mais claro que tipo de regime nos cerca. O problema é que a grande maioria ainda se encontra tão cega e desinformada que não consegue observar o que explode a sua frente.

Dizem que é importante manter a ordem. Mas quem diz isso? Que ordem é essa? Pelo que parece é uma ordem contrária aos desejos e objetivos da população que, quando muito, fica com as sobras do banquete de uma minoria.

Nem toda deturpação difundida pelos meios de comunicação convencionais tem conseguido distorcer a realidade. Em toda parte se encontram casos de violência do Estado contra a população revoltada com as péssimas condições de vida e com a estrutura social. Só para ilustrar, irei citar dois fatos dignos dos tempos da ditadura (o que prova que esse tempo ainda é atual – só tiraram os militares e trocaram pelos engratados) que aconteceram entre o final de setembro e início de outubro:

- Na Bahia, 30 de setembro, o militante da campanha Reaja ou Será morta/o, Hamilton Borges Walê, foi abordado por policiais militares fortemente armados que tentaram invadir, sem mandato judicial, sua residência, agindo de forma torpe, truculenta, ameaçadora, intimidatória e, sobretudo, ilegal.

- Em Porto Alegre, o mês de outubro começou com invasões a residências e a centros culturais em busca de provas contra manifestantes. No meio de toda essa loucura, até livros foram apreendidos como provas. Poderíamos citar vários outros casos e relatos de intimidação e abuso contra manifestantes. Vale ressaltar que não tomei conhecimento de nenhum destes casos via grande mídia. São informações que circulam pelo submundo, pelo lado B do jornalismo. E ainda há quem assista ao telejornal dizendo que está se informando. Viver sem entender e sem participar das mudanças de seu tempo é desperdiçar importantes oportunidades e deixar de aprender com a história viva. Não seja apenas um espectador. Faça parte da vida.

Matando os pobres

Infelizmente a música Kill the poor (Matar os pobres), da banda californiana Dead Kennedys, cabe perfeitamente no atual momento brasileiro. Não que isso seja inédito em nosso país. O próprio “descobrimento” (invasão seria o termo mais apropriado) do Brasil foi uma história de extermínio físico e cultural. Eliminar os indesejados sempre foi prática corriqueira em sistemas covardes como o nosso. O que assusta é a máquina assassina cada vez mais se especializando no extermínio sem culpa. As justificativas mais bizarras são usadas. Os processos de exclusão jogam para longe os que sobrevivem. Exemplo disso são as remoções forçadas que estão acontecendo pelo Brasil. No Rio de Janeiro, os grandes eventos e a especulação imobiliária fizeram esse processo ganhar um volume monstruoso. As “pacificações” foram o anúncio de que o pior ainda estava por vir. Em São Paulo os incêndios estão dando um toque piromaniaco à expulsão e ao extermínio dos pobres. Falando em São Paulo, não podemos esquecer da brutalidade ocorrida em Pinheirinho. Na Bahia, o Quilombo Rio dos Macacos está sendo expulso de suas terras pela Marinha. Milhares de pobres são entulhados nos presídios, favelas e lixões, da maneira mais insalubre possível. O serviço público é executado da pior maneira. Seriam inúmeros casos relatados e mesmo assim esqueceríamos algum, devido ao grande número de massacres físicos, psicológicos e culturais a que a grande massa está sujeita desde o seu nascimento. Toda forma de opressão é usada. Por quantas chacinas ainda passaremos? Você já ouviu falar de alguma execução em bairro de bacana? Difícil acontecer, né? Os canos estão apontados para os pobres. Mesmo sendo necessários para lavar, passar, cozinhar.... fazer as coisas funcionarem, o número de pobres não pode afetar a segurança dos patrões. E de preferência que morem bem longe para não incomodar o universo artificial criado para os poucos que acumulam privilégios. E a classe média, morrendo de medo da pobreza e babando pela posição dos ricos, apoia toda a crueldade, esperando por mais algumas migalhas do banquete.

Preconceito Linguístico

Preconceito Linguístico é um livro de Marcos Bagno que consegue combater não só os mitos, como todo o processo que constrói e fortalece tal preconceito. Uma relação entre este e o preconceito social também é estabelecida e comprovada. Tudo escrito de forma agradável e sem o engorduramento típico dos ditos especialistas. As informações fluem com a naturalidade que a verdadeira língua possui. Uma obra que vale a pena ser lida e se possível guardada para futuras consultas.

Argumentos sólidos desconstroem a intolerância da ditadura gramatical. A língua é tratada como criação do povo e não como camisa de força, desagradável e totalmente alienígena. O autor ainda oferece alternativas para o combate a esse engessamento gramatical e sugere métodos para os professores que quiserem participar dessa batalha pela devolução da língua aos seus verdadeiros donos.

Fica aí uma boa sugestão de leitura para os que curtem novos desafios. Mas se você é daqueles que se orgulham de falar uma língua difícil e que foge a compreensão dos que deveriam ter intimidade com ela, leia assim mesmo. Talvez você saia com outra visão das coisas.

*Após ler meu texto “Língua rica ou confusa?”, uma guerreira me emprestou o livro “Preconceito Linguístico”, de Marcos Bagno. Ela realmente não se enganou ao me dizer que eu precisava ler aquilo. Foi muito importante o contato com tal obra.

Pedagogia dos sonhos possíveis

Começando nessa nova aventura como Educador Social, logo me atirei de cabeça. Como tudo que faço na vida e que faz algum sentido para mim, a coisa foi tomando conta do meu ser e me entreguei totalmente. Assim como na época em que o jornalismo independente dominava minha mente (dormia e acordava junto com os projetos Comunidade, Comunidade Editoria, Impresso das Comunidades...), na época em que a escrita era minha razão principal (meu antigo blog Reboco Caído, já não mais existente, tinha atualizações diárias e ainda sobrava muita coisa para outros espaços físicos e virtuais), o trabalho em um abrigo para crianças e adolescentes começou a fazer todo o resto parecer obsoleto. Comecei a revirar minha pequena biblioteca pessoal e não encontrei nada para reler que tivesse ligação com essa etapa. Tudo que tinha lido e passado antes parecia mera preparação para hoje. Lembrei então que fazia muito tempo que não lia Paulo Freire. Dei uma rodada nos sebos e vi que além de ser difícil encontrar, quando encontrava não tinha grana suficiente para comprar. Nisso recebi mais uma visita do meu amigo e parceiro Eduardo Marinho. Após uma noite de boas vendas dos seus desenhos, rodamos em alguns sebos e encontramos o Pedagogia dos Sonhos Possíveis.

Paulo Freire dedicou sua vida a mudanças no campo da educação, vendo sempre o ato de educar intimamente ligado ao ato político, ao ato de libertar. O sujeito sabia o que estava dizendo. Não que dissesse “A Verdade”, mas indicava o caminho para um ensino libertador. Daí por diante cabe ao leitor discutir com o autor.

Entre os pontos que merecem destaque, gostaria de falar sobre a ideia de que a cultura não pode ser algo estacionário, elitizado, mas algo contínuo, em movimento, sempre criativo... e por isso mesmo algo que está sendo criado, acrescentado. É um livro que aborda vários assuntos. Fica até difícil selecionar qual merece destaque. Poderia falar também sobre a ineficácia do ensinamento imposto, sobre a importância do aprendizado, por parte do educador, da realidade do educando, da bagagem que ele traz consigo antes de receber goela abaixo o conhecimento tido pelos alienados como o único válido/importante... São muitos pontos a serem citados e falar sobre mostraria apenas minha visão. O legal é ler e ter sua própria visão, suas concordâncias e discordâncias. Por isso evito fazer leituras dos meus escritos para outras pessoas. Sei bem que ao ler para os outros, estou mostrando minha interpretação e a coisa já chega com interferência ao ouvinte. Já basta eu ter escrito. Daí por diante tá solto no mundo e cada um tem o direito de fazer sua própria descodificação. Gosto de ler livros aproveitando ao máximo o ato aparentemente solitário da leitura. Prefiro participar de debates. Daí as pessoas já teriam lido e eu converso, troco ideias.... Enfim... No máximo uma explanação sobre o trabalho para os que ainda não tiveram contato com a obra. Quer saber sobre o livro? Leia. Ótima sugestão para quem está envolvido em projetos pedagógicos.

Falando sobre Branco Oliveira

Já dizia o velho ditado: “Maluco atrai maluco”. Desde minha chegada a Porto Alegre, tenho conhecido seus loucos maravilhosos e suas delícias delirantes. O primeiro que encontrei e com quem logo fortaleci uma grande amizade foi Branco Oliveira. Entre uma cerveja e um trago fui conhecendo cada vez mais a caminhada deste ser, cuja história musical começou nos tempos de infância. Nascido na cidade de Tapera – RS - Branco, ainda criança, acompanhava seu pai (que era acordeonista) pelos bailes do interior tocando pandeiro. Mais tarde mudou para Porto Alegre, de onde teve de sair aos 18 anos para se afastar das perseguições que passava durante a ditadura. Rodou por aí e foi parar em Juazeiro, na Bahia, onde sofreu grande influência dos ritmos locais. Voltando a Porto Alegre, no início dos anos 80, continuou sua trajetória musical tocando pela noite da cidade e das redondezas. Nos anos 90 foi mestre de bateria do bloco carnavalesco Unissax, que recebeu diversas premiações locais, e ficou a frente de um programa de rádio. Seus shows então já eram conhecidos do pessoal que curte um som diferenciado e começou a se expandir por outros estados brasileiros e países vizinhos. Em 94 gravou o clássico Reggae do Bom Fim na coletânea Hits 94. Mais tarde lançou o cd Praia do Rosa. Por essa época, seu som, repleto de um estilo próprio, já era referência na música alternativa. Atualmente ele está preparando seu novo cd. Enquanto nasce essa verdadeira pérola, sugiro que curtam o trabalho desse mano no youtube, onde podemos encontrar as músicas Reggae do Bom fim, Não me pira, Soltaram a Maria, além do novo vídeo (Alto na Cidade Baixa) com vários nomes da música local.

Fonte: texto de Solange Maria Giacobbo

Em tempo: O cd novo ainda não saiu e Branco voltou para sua cidade natal, Tapera. Ao reler esse texto e selecioná-lo para fazer parte desta minha auto compilação, achei apropriado acrescentar estas informações.

Sobre Raymundo Araújo Filho

No dia 23 de setembro, muito cretino deve ter comemorado a morte dessa verdadeira pedra no sapato dos hipócritas. O cara botava a boca no trombone e não media palavras. Não tava aí para ser guru de porra nenhuma. Não queria ser seguidor ou seguido. Tava além desse tipo de babaquice. O lance dele era confrontar a estrutura corrompida e medíocre que nos cerca. Seu texto, muito adjetivado e criticado por aqueles que não conseguem entender o que foge a forma determinada, era a exposição, clara e sem frescuras, de sua grande insatisfação com a situação atual das coisas, além de sublinhar seu desapego a regras e pompas inúteis. De minha parte, quando Eduardo me avisou sobre o acontecido, ficou um sentimento muito ruim. O sujeito, desagradável para muitos, era alguém muito querido, por quem eu sentia carinho e amizade.

Não lembro bem como me aproximei do Raymundo. Talvez tenha sido na ocasião da morte de um amigo em comum (o professor João Batista – o JB). Mas o caso é que tivemos alguns contatos via internet e o vínculo foi crescendo. Sempre que marcávamos algum encontro, nos desencontrávamos. Quando eu chegava a algum lugar ele tinha saído e assim foi também o contrário. Uma vez, ele chegou a ir ao meu trabalho, mas eu não estava. Pegou o telefone do trampo e ligou algumas vezes, mas nunca me achava - era difícil me encontrar lá ☺.

Passado o tempo, chegou a ocasião esperada. Nos encontramos na reunião dos desabrigados das chuvas que aconteceram em Niterói (RJ), no ano de 2010. Depois disso seguiram mais alguns encontros e a amizade se solidificou. Gostaria de contar cada conversa, plano e molecagem que tivemos nesse período, mas são coisas que prefiro comentar em uma mesa de bar. Talvez por isso tenha demorado para escrever algo sobre essa grande perda. Raymundo não cabe num texto e nenhuma das histórias que pude viver com ele ficaram tão boas escritas como quando estou verbalizando. O verbo é tão vivo quanto este veterinário, músico e ativista (poderia acrescentar outras coisas aqui). Raymundo é rock, é vômito, é uma descarga de energia transformadora. Ele foi proibido de citar o Prefeito de Niterói em seus textos e discursos. Raymundo não nasceu para ficar preso ao papel ou a formalidades. Ele nasceu para gritar, berrar e deixar o eco de sua voz nos ouvidos de quem conseguiu ter o privilégio de conhecer tal figura.

Respondendo uma pergunta (ou afirmação) de cada vez

De que adianta falarmos dessas coisas tristes e não fazermos nada?

Olha, só de estarmos divulgando que essas coisas tristes estão acontecendo hoje, que existem debaixo dos nossos narizes, já estamos fazendo alguma coisa. Não estaríamos fazendo nada se olhássemos para o outro lado e nem falássemos sobre esse assunto, fingindo que nada está acontecendo e estamos na Disneylândia. Aí sim estaríamos sendo covardes, alienados e cúmplices de toda essa carnificina social

Em que isso vai mudar o mundo? Isso é sofrer por nada.

Talvez em nada, mas pelo menos estamos tentando. Já que estamos por aqui mesmo, podemos nos divertir tentando. O pior é o cara não fazer nada só porque acha que o que está fazendo é pouco. Fazer o pouco que está ao alcance é melhor que não fazer nada por comodismo ou desistência prévia. Isso é que deve ser um sofrimento terrível.

Se apegar ao sofrimento ao invés de ver a beleza, não é preferir o sofrimento?

Vide resposta a cima. Só para complementar: Talvez estejamos vendo algo muito mais belo a frente.

Não é mais fácil se enquadrar, se ajustar as coisas como estão?

Quem disse que desejamos uma vida fácil? O justo e o fácil trilham caminhos opostos.

Mas o mundo sempre foi assim.

Não. O mundo já foi de várias maneiras e só está assim hoje porque existiu um trabalho para que ficasse assim. Se quisermos que seja diferente, temos de começar o trabalho de modificação o quanto antes.

E você acha que vai usufruir desse mundo que está por vir?

Claro que não. O mundo como imagino é obra que levará tempo. Certamente, meus bisnetos não irão ver. Isso se tiver bisnetos. Mas não sou tão egoísta ao ponto de pensar apenas em mim no meio de toda a humanidade existente. Que exista alguma geração capaz de viver em um mundo diferente deste inferno social em que vivemos.

Quem quiser continuar enviando perguntinhas cretinas como essas, é só mandar. Tenho coisa melhor para fazer, mas, quando tiver paciência, respondo.

A mídia comunitária na luta pela verdadeira democracia na comunicação

Em todo o Brasil podemos observar o crescimento da mídia comunitária. Um segmento que visa dar voz a grupos de pessoas que normalmente não tem espaço para se expressar de forma livre, com autonomia, valorizando seu modo de falar e pensar. São veículos que possuem os mais diversos formatos: jornais, revistas, zines, rádios, tvs, sites... Todos os meios disponíveis são usados. Mas um grande bloqueio ao crescimento destes meios de comunicação é a falta de apoio e incentivo. As políticas que deveriam auxiliar o desenvolvimento dos veículos comunitários ainda deixam muito a desejar.

Podemos destacar as rádios comunitárias como as que mais sofrem pela falta de compreensão do poder público. Além de não receberem o incentivo necessário, ainda são perseguidas e rotuladas como rádios piratas. Um filme que trata do assunto é o “Uma onda no ar”, que relata a história da Rádio Favela, de BH, Minas Gerais. No ano passado assistimos também a mais um conflito do Rapper Fiell com a polícia, desta vez por causa da rádio comunitária que mantém no Morro Santa Marta, Rio de Janeiro. São inúmeros casos a serem relatados.

No Rio de Janeiro

Já faz alguns anos que venho acompanhando e participando da mídia comunitária no Rio de Janeiro. Posso afirmar então, por experiência própria, que a situação no estado não é diferente do resto do país. Embora muitos projetos e veículos surjam e continuem dando impulso a estes meios de comunicação, as dificuldades são inúmeras e o descaso do poder público é marcante. O interesse político dos que estão no poder (não só os políticos partidários, mas os empresários que financiam suas campanhas também) sobressaem a necessidade de uma imprensa realmente comunitária, alternativa e independente. Mas o pessoal não desiste e continua tocando suas ideias. Em muitas favelas cariocas podem se encontrar veículos de comunicação comunitários autênticos. Pessoas que, além da batalha pelo pão de cada dia, ainda encontram energia para suportar uma luta desigual e injusta pelo direito a voz.

Cleber Araújo apresenta o Barraco

Entre as entrevistas que fiz com lideranças comunitárias, movimentos e agentes sociais, antes de me mudar para Porto Alegre (no início deste ano), selecionei essa que fiz com o jornalista e cria da Rocinha, Cleber Araújo. Nela, podemos conhecer um pouco dos obstáculos enfrentados por esses verdadeiros guerreiros da comunicação.

Para começar, apresente o Barraco.

Barraco@dentro é um espaço virtual destinado, principalmente, aos moradores de comunidades, mas também está aberto a todos os que se interessam por assuntos comunitários. A finalidade do site é oferecer aos moradores de comunidades um outro olhar sobre a sua realidade - diferente das mídias convencionais - usando uma lente jornalística que não seja preconceituosa, nem superficial.

De onde surgiu essa ideia?

A ideia da construção do site já é um pouco antiga. Desde os tempos da faculdade, ficava imaginado um meio de comunicação diferente dos tradicionais. O fato de ser morador da favela da Rocinha também influenciou na decisão de querer criar um espaço para comunicação desse gênero - um espaço não só noticioso, mas de reflexão e valorização cultural e social. Mas a principal inspiração desse projeto só conheci durante a produção do meu trabalho de conclusão de curso, quando fiz um documentário sobre a TV Tagarela, da Rocinha. Uma galera que faz a diferença. Dentro de suas produções, procuram levar aos moradores um pouco de reflexão sobre o cotidiano da favela, desenvolvendo a conscientização sócio-política.

Qual o maior benefício que um veículo como esse pode trazer para as comunidades carentes?

Espero que, ao adentrar nas comunidades, o Barraco esteja ajudando a valorizar uma cultura que é excluída, a desenvolver a conscientização social e política e, acima de tudo, enfatizar os verdadeiros valores das pessoas dessas regiões que não são reconhecidos pela classe média alta, nem por sua mídia representante.

Você já trabalhava com blogs. Como eles vão ficar? O Pauta Grande continua ou para?

O blog Pauta Grande teve e tem duas funções na minha vida, apesar de não ser atualizado com frequência. Primeiro: Foi uma forma de manter-me ligado ao meu sonho de exercer o jornalismo cidadão.

Já que o mercado jornalístico está difícil de emprego, principalmente para pessoas que queiram trabalhar por um mundo melhor, tive de criar meu próprio espaço para expor minhas reflexões e críticas. A segunda função do blog: Funcionar como válvula de escape, uma fuga do estresse cotidiano através dos meus pensamentos e palavras escritas. Quanto a continuar alimentando o blog, isso ainda é incerto. Primeiro vou ter que organizar meu tempo e me empenhar bravamente para o obter o sucesso esperado com o Barraco@dentro.

Fale sobre seu curta.

Bom, o curta "TV Comunitária de Rua: Uma Boa Alternativa" foi produzido no ano de 2008 para conclusão do meu curso de jornalismo. Na verdade, é um documentário feito com a TV Tagarela, que tem como finalidade mostrar a importância desses tipos de iniciativas dentro de uma comunidade e também revelar como funciona e as dificuldades para se fazer TV comunitária. O legal é que acabei realizando um tipo de produção escassa no meio acadêmico.

Voltando para o site: Como a galera faz para participar?

Minha intenção é criar uma rede com os blogueiros e com os sites que já atuam no meio comunitário. Não pretendo publicar somente o que é produzido pelo barraco, mas disponibilizar espaço para outras pessoas e instituições que partilham do mesmo ideal.

O que estou propondo não é nada novo. Isso é uma prática comum entre os blogueiros e os sites de esquerda que funcionam com muito sucesso. De um lado aumenta o conteúdo e do outro aumenta a visibilidade. Vamos sempre estar receptivos à artigos, matérias, entrevistas, fotos, vídeos e também críticas pelo e-mail: contato@barraco dentro.com ou cleberaraujo@barraco dentro.com.

Uma mensagem para fechar bonito:

Só vamos viver numa pátria mais justa e mais fraterna quando o povo tiver a consciência de que a vida política não se vive apenas de quatro em quatro anos nas urnas, mas que é um dever e direito cotidiano de todos.

Barraco@dentro: <http://barraco dentro.com/>

TV comunitária de rua: uma boa alternativa: <http://www.videolog.tv/video.php?id=642118>